

O argumento cosmológico kalam

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

Este artigo é o texto da palestra do doutor Craig em 2015 na Universidade de Birmingham, onde ele fez sua tese de doutorado que levou ao renascimento do argumento cosmológico *kalam* nos nossos dias.

Quando garoto, ficava admirado com a existência do universo. Eu me perguntava de onde ele veio. Será que teve um começo? Lembro-me de deitar na cama à noite tentando pensar num universo sem começo. Todo evento seria precedido por outro evento, voltando no passado sem cessar, sem nenhum ponto de parada — ou, para ser mais preciso, nenhum ponto de partida! Um passado infinito, sem começo! Minha mente ficava zonzá com a ideia. Parecia inconcebível. Deve ter havido um começo em algum momento, pensava eu, para que tudo se iniciasse.

Não tinha a menor suspeita de que, por séculos — por milênios, na verdade —, muitos lutavam com a ideia de um passado infinito e a questão da possibilidade de haver ou não um começo do universo. Filósofos gregos antigos acreditavam que a matéria era necessária e incriada e, portanto, eterna. Deus talvez fosse responsável por trazer ordem ao cosmo, mas Ele não criou o universo em si.

Este ponto de vista grego contrastava com o pensamento judaico, ainda mais antigo, a respeito do assunto. Os escritores hebraicos criam que o universo nem sempre existiu, mas foi criado por Deus em algum ponto no passado. Como afirma o primeiro versículo das Escrituras Sagradas hebraicas, “no princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1.1).

Em dado momento, essas duas tradições rivais começaram a interagir. Apareceu na filosofia ocidental um debate contínuo que durou bem mais de mil anos acerca da possibilidade do universo ter ou não um começo. Este debate se desenvolveu entre judeus e muçulmanos, bem como cristãos, tanto católicos quanto protestantes. Por último, topou com um fim um tanto inconcluso no pensamento do grande filósofo alemão do século XVIII, Immanuel Kant. Ele defendia, ironicamente, que existem argumentos racionalmente convincentes nos *dois* lados, expondo, pois, a falência da própria razão!

Vim a saber deste debate pela primeira vez somente *após* terminar a faculdade. Desejoso de chegar a uma posição sobre a questão, decidi, assim que completasse meu mestrado em filosofia, encontrar alguém disposto orientar uma tese de doutorado no assunto. A pessoa que se sobressaía em relação a todos os demais era o professor John Hick, na Universidade de Birmingham. Viemos, então, para Birmingham, escrevi sobre o argumento cosmológico sob a direção do professor Hick e, passado o tempo, três livros resultaram daquela tese de doutorado. Consegui investigar as raízes históricas do argumento, bem como aprofundar e desenvolver sua análise. Também descobri ligações muito incríveis com a astronomia e cosmologia contemporâneas.

Por suas raízes históricas na teologia islâmica medieval, batizei o argumento de “o argumento cosmológico *kalam*” (*kalam* é a palavra árabe para teologia medieval). Atualmente este argumento, em grande medida esquecido desde o tempo de Kant, voltou ao centro das atenções. O *Cambridge Companion to Atheism* [Manual Cambridge de Ateísmo] (2007) relata: “uma contagem dos artigos nos periódicos de filosofia

mostra que mais artigos foram publicados sobre ... o argumento *kalam* do que sobre qualquer outra ... formulação argumentativa para a existência de Deus [...] nem teístas nem ateus ‘conseguem deixar o argumento *kalam* em paz’” (p. 183).

Qual é o argumento que despertou tanto interesse? Deixemos um dos maiores protagonistas medievais nesse debate falar por si mesmo. Al-Gazali foi teólogo muçulmano da Pérsia — ou Irã atual — no século XII. Ele se preocupava que os filósofos muçulmanos de seus dias eram influenciados pela filosofia grega antiga na negação da criação do universo por Deus. Depois de estudar minuciosamente os ensinamentos desses filósofos, Gazali escreveu uma crítica destruidora da visão destes com o título *A incoerência dos filósofos*. Neste livro intrigante, ele argumenta que a ideia de um universo sem começo é absurda. O universo deve ter um começo e, uma vez que nada começa a existir sem uma causa, deve haver um criador transcendente do universo.

Gazali formula seu argumento de forma muito simples: “Todo ser que começa tem uma causa para seu começo; ora, o mundo é um ser que começa; logo, ele possui uma causa para seu começo”. [1]

O raciocínio de Gazali envolve três passos simples:

1. Tudo que começa a existir tem uma causa.
2. O universo começou a existir.
3. Logo, o universo tem uma causa.

Atentemos para cada passo de seu argumento.

Premissa 1

Observe que Gazali não precisa de uma premissa tão forte quanto (1) para que seu argumento tenha êxito. A primeira premissa pode ser afirmada de forma mais modesta.

1'. Se o universo começou a existir, o universo tem uma causa para seu começo.

Esta versão mais modesta da primeira premissa nos permitirá evitar distrações sobre a possibilidade de partículas subatômicas que são o resultado de processos de decaimento quântico virem a existir sem uma causa. Esta suposta exceção a (1) é irrelevante a (1'). Pois o universo compreende toda realidade contígu